

NATUREZAS E CULTURAS AMAZÔNICAS NO OLHAR DE MÁRIO DE ANDRADE: O TURISTA APRENDIZ NAVEGANDO NAS SUBJETIVIDADES E NO SURREAL

AMAZON NATURES AND CULTURES IN MÁRIO DE ANDRADE'S VIEW: THE TOURIST LEARNS BY NAVIGATING THE SUBJECTIVITIES AND THE SURREAL

Francisco Bento da Silva
chicobento.ac@gmail.com

Resumo: O escritor Mário de Andrade empreendeu uma viagem à Amazônia no ano de 1927. Esta perambulação foi narrada em forma de diário pelo próprio “turista aprendiz” paulistano, que ainda produziu diversas fotografias durante o percurso de ida e volta. Entre as várias temáticas abordadas pelo escritor em seu diário, encontra-se um olhar direcionado para a fauna e a flora amazônicas em que o autor mescla suas impressões pessoais – em parte influenciadas pelas leituras de outros viajantes anteriores – bem como sua sagacidade e ironia, com as quais ele brinca e transcende o real para inserir aspectos líricos de caráter surreal e absurdo. São estas questões que a serem discutidas neste artigo, tendo como fonte primária a obra *O turista aprendiz*, cuja finalização pelo autor se deu em 1943 mas foi publicada somente em 1976 a partir de uma organização, com apresentação e revisão conduzida por Telê Ancona Lopez e reeditada pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional - IPHAN em 2015 com uma apresentação desta mesma pesquisadora.

Palavras-chave: Mário de Andrade; Amazônia; Viagem; Natureza.

Abstract: The writer Mário de Andrade undertook a trip to the Amazon in 1927. This wandering was narrated in the form of a diary by the “apprentice tourist” from São Paulo, who also produced several photographs during the round trip. Among the various themes addressed by the writer in his diary, there is a look directed at the Amazon fauna and flora in which the author mixes his personal impressions - partly influenced by the readings of other previous travelers - as well as his wit and irony, with which he plays and transcends the real to insert surreal and absurd lyrical aspects. These are the issues that will be discussed in this article, having as its primary source the work *O tourist apprentice*, whose finalization by the author took place in 1943 but was published only in 1976 from an organization, with presentation and review conducted by Telê Ancona Lopez and reedited by the Instituto de Patrimônio Histórico Nacional - IPHAN in 2015 with a presentation by the same researcher.

Keywords: Mário de Andrade; Amazon; Trip; Nature.

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

de 1924 já dizia que comidas, danças, obras humanas e a natureza do país eram fatos estéticos. E considerava que o Brasil foi ao longo do tempo se “eruditante” e “esqueceu o gavião de penacho”. Ali ele prega uma língua “sem erudição” e “milionária de todos os erros”. Advoga com ênfase a ruptura com a “morbidez romântica” e o “detalhe naturalista” do período anterior, buscando outro modelo estético que valorizasse a surpresa diante das coisas e das pessoas, que possibilitasse a invenção criativa e utilizasse outras escalas como parâmetros. No seu *manifesto* de 1924, o “futurismo” dialoga com o passado que em certo sentido é *edenizado* com sua “saudade dos pajés” e a decantada “originalidade nativa” (ANDRADE, 1976). O *Manifesto antropofágico*, lançado quatro anos depois, complementa o lirismo passadista em relação à natureza que um ano antes tanto impressionou Mário de Andrade ao chegar na Amazônia.

Contudo, a Amazônia como preocupação estética e corpo da brasilidade buscada por Mário de Andrade já estava em seu horizonte intelectual e artístico alguns anos antes dessa viagem. Em 1925 ele escreve *Dois poemas acreanos*, compostos de duas partes em que a primeira chama-se *Acalanto do seringueiro* e, a outra, *Descobrimento* e que foram publicados no ano seguinte em sua obra *Clã do jabuti* (ANDRADE, 1926, p. 36/39). O lirismo poético traz à cena o “seringueiro brasileiro”, *tipo nacional* incorporado por Mário de Andrade em seu projeto de apresentar uma nacionalidade *abrasileirada* a partir da sua dimensão continental e características culturais diversas assentadas em uma natureza essencialmente tropical.

Isso está posto claramente em um dos seus poemas nascidos da sua viagem por várias cidades mineiras em abril de 1924 (NATAL, 2007). No poema *Noturno de Belo Horizonte*, o fragmento abaixo é bastante indicativo da sua perspectiva multicultural acerca do então Brasil multifacetado e distanciado da visão-desejo de uma cultura eurocêntrica e aburguesada das elites nacionais que se queriam cosmopolitas.

Noturno de Belo Horizonte (1924)

(...)

Que importa que uns falem mole descansado

Que os cariocas arranhem os erres na garganta

Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?

Que tem si os quinhentos réis meridional vira cinco tostões do rio pro Norte?

Juntos formamos este assombro de misérias e grandezas.

Brasil, nome de vegetal!... (...).

(ANDRADE, 1926, p. 24).

Falas amaneiradas, com ênfases tônicas nas sílabas alteradas e encontradas em várias localidades do país seriam expressões culturais valorizadas de uma gama de variedades linguísticas presentes na rica oralidade popular tão distante das pretensões parnasianas. De Norte a Sul, haveria um país de impressionantes “misérias e grandezas” que despertam a curiosidade do poeta viajante e imaginativo. E ele lembra então da natureza indefectivelmente ancorada na “identidade nacional”, a começar pelo próprio nome do país. Podemos complementar esta perspectiva com algo que depois foi tão bem expressa-

do na sentença de Néelson Rodrigues, ao dizer que “O Brasil não é uma pátria, não é uma nação, não é um povo, mas uma paisagem” (*apud* DIAS, 2005, p. 113). Uma paisagem intensamente ancorada em múltiplas narrativas de fundo identitário voltadas para os alicerces do pertencimento coletivo

Ainda em sua viagem por terras mineiras, veio a lume o poema *O poeta come amendoim*. Na parte selecionada abaixo, seu olhar para a Amazônia já aparece carregado de sentidos que depois emergem no seu diário de viagem para a região três anos depois.

O poeta come amendoim (1924)

(...)

Estou com desejos de desastres...

Com desejos do Amazonas e dos ventos muriçocas

Se encostando na canjerana dos batentes...

Tenho desejos de violas e solidões sem sentido

Tenho desejos de gemer e de morrer.

(ANDRADE, 1926, p. 01).

Os desejos expressados são pelo Amazonas, pois o rio metonimicamente é espraia-do para toda a região já chamada naquele momento de Amazônia, complementados pelos ventos fluviais depois experienciados nas embarcações de viagens e os ocasionais temporais ali enfrentados. Onde também narra desastres fluviais imaginários e ferrovias reais de pernilongos em enxames recorrentes.

AS VIAGENS: IMAGINÁRIOS E IMPRESSÕES – “PATRIANDO O BRASIL”

Em sua obra *O Brasil não é longe daqui*, Flora Sussekind (1990) aborda a busca por viajantes, migrantes e escritores de um Brasil imaginado no contexto da primeira parte do século XX. A autora aborda a territorialização da paisagem brasileira em textos escritos, imagens pictóricas e outras subjetividades em trânsitos na tradição romântica em voga. Isso articulado com “deslocamentos reais e paisagens imaginárias” (SUSSEKIND, 1990, p. 21). O Brasil idealizado previamente e com virgindades naturais a descobrir, está sempre ali e mais adiante. Pronto para assombrar e deleitar o chegante, que de fora palmilha pela primeira vez os lugares *sertões* adentro do país.

A viagem de Mário de Andrade para a Amazônia não ocorre mais sob a aura do romantismo de antanho, nem do naturalismo e suas pretensões objetivistas ou menos ainda das gramáticas corretivas do parnasianismo como centralidades totalizantes. Contudo, os rompimentos nunca são plenos. É possível perceber suas referências não declaradas aos escritos amazônicos de Euclides da Cunha, gestados duas décadas antes. Isso ocorre quando Mário de Andrade também considera a natureza da Amazônia carregada de enigmas a serem decifrados.

Em seu conhecido prefácio de 1907 chamado *Inferno Verde* – que escreveu para a apresentação da obra homônima de seu amigo Alberto Rangel – traz a passagem abaixo, onde sentencia um trabalho milenar para “desvendar” a natureza amazônica.

É a guerra de mil anos contra o desconhecido. O triunfo virá ao fim de trabalhos incalculáveis, em futuro remotíssimo, ao arrancarem-se os derradeiros véus da paragem maravilhosa, onde hoje se nos esvaem os olhos deslumbrados e vazios. Mas então não haverá segredos na própria natureza. A definição dos últimos aspectos da Amazônia será o fecho de toda a História Natural... Imagina-se, entretanto, uma inteligência heróica, que se afoite a contemplar, de um lance e temerariamente, a **Esfinge** (CUNHA, 2000, p. 344/345. Grifos meus).

A “paragem maravilhosa” causa ansiedade em Mário de Andrade quando sua embarcação se aproxima da foz do rio-mar em 18 de maio de 1927. E impactado, ele descreve que “sete quilômetros antes da entrada já o mar estava barreado de pardo” (ANDRADE, 2015, p. 66) pelas águas fluviais do rio Amazonas. Seu impacto visual de entrada na foz do Amazonas é descrito em tons de monumentalidade, pois parecem lhe faltar palavras ao afirmar redundantemente haver ali uma “grandeza grandiosa”. Mas o que é redundância na norma culta da língua parece ser no presente caso uma licença poética de dupla afirmação com o uso de um substantivo e de um adjetivo que procedem da mesma raiz semântica.

Cerca de dez dias antes, em seu diário quando ainda se encontrava em São Paulo, o escritor já prestes a partir para o Rio de Janeiro traz à tona lembranças sobre a região em que elas são indubitavelmente carregadas dos lugares comuns mais recorrentes nos imaginários já perenes acerca do lugar. Diz que esperava encontrar jacarés, tribos selvagens e formigões (ANDRADE, 2015, p. 50) na viagem para uma Amazônia que já estava impregnada em sua mente antes da partida. Uma natureza apontada como selvagem sobressai, onde indígenas compõem exclusivamente esta dimensão na clássica dualidade natureza *versus* cultura tão em voga.

Mas naquele mesmo dia 18 de maio, a “largueza imensa gigantesca” do rio o impressiona e é o momento em que brota a veia surrealista do autor, do nonsense disparatado que traz à cena descrita uma geografia e de uma realidade imaginária que “des-norteia” aquele que se diz um anti-viajante. Assim ocorre quando afirma que a menor ilha que ele avista naquele estuário é maior que Portugal. Na continuidade, sente-se assoberbado pelo “vulto enorme do baobá [*que*] a gente enxergava dominando a ramada as seringueiras sonhadas em cujas pontas mais audazes os colonos suspensos em cordas de couro cru apanhavam as frutinhas de borracha” (ANDRADE, 2015, p. 66). O Baobá (*Adosania spp.*), árvore tão comum em muitas partes das savanas da África subsaariana e Madagascar², é transportado imaginariamente para compor o cenário florístico com as árvores de seringueiras que em vez de serem singradas no caule, já trazem os próprios frutos em forma de borracha que são colhidos por trabalhadores que escalam...

Na conclusão desta nota do diário ele afirma que “a Senhora me tocou no braço e assustei. Fui com os outros, deixando o pensamento chorado na magnificência daquela paisagem feita às pressas” (*Idem*, p. 67). Parece ser a saída de um transe, em que ele é acordado provavelmente por uma das três mulheres que o acompanhava naquela viagem.

² **Fonte:** Site Central Florestal. Disponível em: <https://bit.ly/3xj3Hol>. Acesso em 11 de julho de 2021.

O sonho e o onírico invadem a mente e o corpo do escritor, embotando-lhe momentaneamente capacidade de discernimento entre o que é real e o que é fantasia.

No dia seguinte, já estabelecido em terra na cidade de Belém, Mário de Andrade volta a rememorar a entrada pela foz paraense do Amazonas.

A foz do Amazonas é uma dessas grandezas tão grandiosas que ultrapassam as percepções fisiológicas do homem. Nós só podemos monumentalizá-las na inteligência. O que a retina bota na consciência é apenas um mundo de águas sujas e um matinho sempre igual no longe mal percebido das ilhas. O Amazonas prova decisivamente que a monotonia é um dos elementos mais grandiosos do sublime (Idem, p. 68).

Repete a mesma expressão narrada do dia anterior e acrescenta a incapacidade fisiológica – sua e humana – de enquadrar uma totalidade que se apresentava diante de si pelo campo da visão, mas sem haver a eficácia de compreensão cognitiva. É uma rememoração que ainda lhe descentrava e embotava, restando no seu entender apenas lançar mão do epopeico e do fabuloso para intentar narrar aquele mundo das águas e florestal parcialmente visualizado na entrada da Baía do Marajó. Conclui então realçando a decantada monotonia impactante que se abatia de pronto aos adventícios que chegavam à Amazônia, já bastante apontada por viajantes nacionais e estrangeiros em seus relatos de impressões inaugurais.

Só seria possível então apreender por pedaços, através de recortes selecionados de uma grandeza que “blefa”(va) a si mesma. A natureza amazônica se torna uma esfinge que não se pode apreendê-la por completo, pois tal limitação vem da sua grandeza que estaria além da compreensão humana quando pautada pelo enquadramento totalizante. Algo que se olhava, mas não se via porque “tudo é tamanho que não se pode ver” (Idem, p. 70). Restava então um nem sempre alcançado lirismo voltado para o sublime, conforme aponta Foot Hardman (2009) ao analisar as produções literárias que tem a Amazônia como trama e palco.

No dia subsequente, já em terra na cidade de Belém, suas impressões são mais voltadas para as sensações da metrópole amazônica. Mas em grande medida continuam relacionadas com a natureza, em particular com o clima. Para isso faz uso de uma imagem lugar-comum de um local em que nunca esteve, a cidade do Cairo. O calor, sensação do ar abafado, o suadouro corporal que ele experimenta é comparado com o que seria o mesmo da capital egípcia localizada na África. Excetuando o calor, a estadia de cinco dias em Belém foi de experimentos gastronômicos variados, desde os banquetes com o governador e o prefeito, aos passeios em embarcações e praias do entorno da Baía do Marajó, bem como andanças por feiras, lojas e restaurantes. No dia 20 de maio, por exemplo, após recepções oficiais, ele informa que “já me acamaradei de tudo” na cidade e se encontrava “lustroso de felicidade” (Idem, p. 70).

Neste mesmo dia divaga na alusão às ilhas fluviais que rodeiam a capital paraense e nomeia Belém “a cidade principal da Polinésia” amazônica (Idem, p. 73), querendo

ênfatizar o que seria a enormidade delas. Mas retoma a sensação de calor estereotipado na cidade do Cairo, ao descrever à tarde de banhos no hotel para aplacar o calor abafado que lhe consumia em incômodos. No dia seguinte Mário de Andrade participa de passeios no Museu Emílio Goeldi, visita bibliotecas, vai ao mercado e à alfaiataria. A noite é encerrada com um baile em homenagem aos visitantes paulistas. Este dia e o seguinte são brevemente descritos em seu diário do qual deriva *O turista aprendiz*.

Contudo, em um artigo publicado no jornal paulista *Diário Nacional* apenas no ano seguinte, ele detalha mais as suas impressões desses dois dias. Em 21 de maio ele assim escreve sobre suas experiências sensoriais com sucos e sorvetes de frutas locais, que consumiu naqueles momentos calorentos para aplacar os calores sentidos cotidianamente na cidade:

Belém é sublime! Belém é mais gostosa que a corte! Belém é a coisa mais gostosa deste mundo! Aqui a gente leva uma vida de linho entre refrescos róseos de leite de coco misturado com não-sei-que³, refrescos roxos de assai, refrescos verdes de abacate, amarelos de ananás, alaranjados de abricós...⁴

A multiplicidade de cores das frutas tropicais e dos seus sabores experienciados são magnificados como próprios de uma espécie de Amazônia que lhe é apresentada através dos gostos do paladar e pelo visual cromático diversificado da natureza exuberante e cheia de surpresas ao viajante. São experiências culturais de alteridade que lhes surpreendem com os “mistérios” de uma pátria ainda essencialmente distanciada das representações litorâneas.

Imagem 2: Banho na Praia do Chapéu Virado



Fonte: Andrade (foto 35, 2015a).

3 Segundo o professor Aldrin Moura de Figueiredo – PPGHIS/UFPA – em consulta particular feita por mim, trata-se provavelmente de goiabada batida com leite de coco, gelo e água e que pode ser servida como suco ou em formato de mousse.

4 **O turista aprendiz.** *Diário Nacional*, 22 de janeiro de 1928, número 166, p. 09. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bit.ly/3k9eZlu>. Acesso em 10 de julho de 2021.

No dia seguinte, ele e suas acompanhantes visitam a praia do Chapéu Virado (*Imagem 2*) na ilha de Mosqueiro para tomar “banho de água doce em quase pleno mar”.

Saem de Belém em uma embarcação descrita como sendo uma lancha, que adentra pelo furo do Maguari. E mais uma vez Mário de Andrade se impressiona diante do que ele alusivamente chama de “cardume de ilhotas” e de “enxame de ilhas” que existem durante aquele trajeto. Ele realça também a vegetação que observa da embarcação ao apontar para a “riqueza de desenho e colorido nos tajás”⁵ (*Idem*, p. 75).

Passeio gostoso! Batia um calor nublado na praia e a água salobra no banho com a roupa do seu Paiva se encostava na gente que nem mão querendo bem. Foi na volta que provei o sorvete de murici. Esta frutinha possui um gosto especial meio queijo que tem a particularidade de ser engraçado. Você come e cai na gargalhada⁶.

Na passagem acima há a descrição breve da experiência do banho e – o que parece – do provar do gosto da água para ter certeza do seu sabor descrito como salobro. Em dia sem o sol causticante e aberto, mas com o reiterado calor sentido desde os primeiros dias no Pará. Seu banho ocorre em uma situação de improviso ao usar uma roupa emprestada do “Seu Paiva”, trazendo também uma dubiedade da linguagem ao realçar a sensação corporal do que poderia ser tanto do contato com a roupa ou com a água antes do almoço.

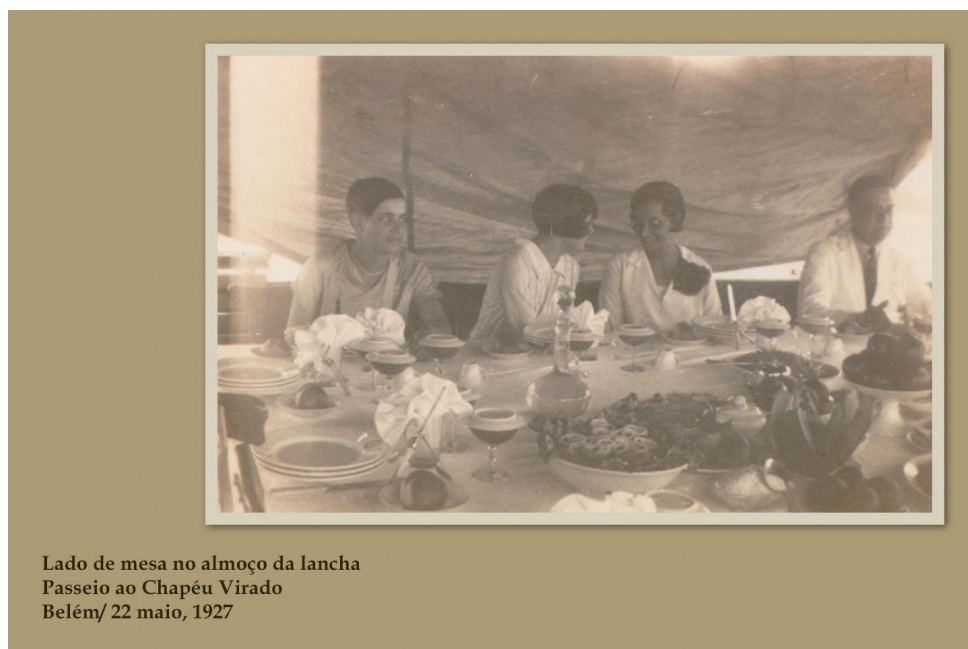
O almoço no passeio (*Imagem 3*, a seguir) foi muito farto e ele descreve com detalhamento do cardápio o que comeram naquele dia: “Camorim⁷. Pato no tucupi. Leitão com farinha d’água. Compota de bacuri, creme de abacate e sorvete de murici (...) E frutas, frutas” (*Idem*, p. 75).

5 Tajá (*caladium bicolor*) é uma planta com uma diversidade enorme de espécies que se utiliza para fins ritualísticos, pajelanças e ornamentação de quintais (JACINTO, 2017).

6 **O turista aprendiz.** *Diário Nacional*, 22 de janeiro de 1928, número 166, p. 09. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bit.ly/3k9eZlu>. Acesso em 10 de julho de 2021.

7 O Camorim ou Camurim (*Centropomus undecimalis*) é uma espécie de peixe muito comum na costa brasileira, também chamado genericamente de Robalo e encontrado em águas salgadas e salobras de estuários próximos ao mar (MENDONÇA, 2004).

Imagem 3: Almoço da lancha



Fonte: Andrade (foto 30, 2015a).

Na imagem percebemos alguns detalhes não descritos no texto do diário, mas perceptíveis a partir daquilo que o fotógrafo Mário de Andrade enquadrou no seu olhar mediado pela câmera fotográfica que ele chamava de *codáqui*, um abasileiramento nominativo da famosa marca Kodak. Embora haja a descrição da embarcação ser uma lancha, de fato parecia ser um barco de porte maior para acomodar os viajantes paulistanos, seus cicerones e possíveis ajudantes. A mesa do almoço é de dimensões nada modestas para ocupar uma lancha. Destaca-se o enquadramento voltado para capturar a presença central das jovens Margarida Penteadó e Dulce do Amaral, ladeadas por uma mulher e um homem não identificados.

Percebe-se algum esmero na produção do almoço, com lenços e toalhas de linho, cadeiras de encosto, talheres, pratos de louças e taças. Nos comensais, muitas frutas, licor, compotas de doces e os pratos principais descritos pelo escritor modernista. Como é o caso do famoso pato no tucupí, uma das especialidades do que se conhece como cozinha “paraense”. Trata-se de uma carne da ave refogada com verduras e depois finalizada no forno até ficar dourada e firme. Acrescenta ao final o caldo do tucupí (extraído da mandioca), temperado com pimenta e ervas – sendo a principal delas as folhas do jambu (*Acmea oleracea*) e suas flores que dão a sensação de dormência na língua.

Um dia depois, mais próximo da partida, ainda mais ambientado com a capital paraense e nas andanças de experiências culinárias no Mercado Ver-o-Peso, ele afirma que “Belém foi feita para mim e caibo nela que nem mão dentro de luva” (*Idem*, p. 76). E se seguem almoços e jantares no palácio de governo, entremeados de passeios nas ilhas próximas à capital do Pará. Em 27 de março ocorre a despedida de Belém, quando embarcam em direção a Manaus subindo as águas amazônicas. Além deste prato principal, foram servidos o peixe (provavelmente assado) e o leitão (filhote de suíno) assado e servi-

dos com farinha puba (d'água)⁸ e arroz. Nas sobremesas, duas opções foram degustadas pela comitiva naquele dia de passeios diletantes: compota de Bacuri⁹, creme de Abacate (*Persea americana*) e sorvete de Murici (*Byrsonima crassifolia*), sendo a compota e o sorvete derivados de frutas muito comuns na região amazônica. Seus últimos dias em Belém são de recepções oficiais, compras em mercados locais de cerâmica marajoara, ida a uma apresentação de Boi-bumbá com recolhimentos de canções populares e observações genéricas da vida cotidiana.

AMAZÔNIA À DENTRO, ATÉ DIZER CHEGA!

A partida de Belém na embarcação *São Salvador* ocorreu próximo ao fim de maio, no dia 27. Uma das primeiras narrativas do deslocamento fluvial, cujo destino final era Manaus, aborda a presença de mosquitos que incomodam os passageiros. Adotando o recurso do surreal, do exagero sem rodeios, o artista fala que havia tantos deles que faziam flutuar suas companheiras de viagens e elas pareciam nadar entre aqueles enxames de minúsculos voadores hematófagos.

Entre a brincadeira e seriedade, lembra-se do seu avô e alerta que fica hesitando em “contar certas coisas, com medo que não me acreditem” (*Idem*, p. 86). Nesta mesma linha do surreal apontado acima, em que os passageiros da terceira classe abriam o ar da presença dos mosquitos “riscando faca”, ele descreve a ocorrência de um temporal que causou alvoroço e preocupação em bordo próximo à cidade de Currálinho. É o momento em que ele passa do real para o imaginário, trazendo conotações nas entrelinhas de outras narrativas de cunho identitário nacional.

Imagina um hipotético naufrágio – um sonho trágico – onde os sobreviventes e ele presenciam peixes carregando lenhas que eram utilizadas como combustível fóssil e abasteciam as embarcações que transitavam pelos rios da região. De imediato, o onírico transpõe para a cena alguns indígenas temerosos diante daqueles viajantes desconhecidos e se recusam subir a bordo do vaticano¹⁰ *São Salvador* quando convidados pelos “estrangeiros”. Diante dessa situação, não houve a possibilidade de “mostrarmos a eles a galinha trazida só pra isso” (*Idem*, p. 88). Telê Ancona sugere aí uma “transviagem” em que o autor faz uma alusão paródica à Carta *do achamento do Brasil* de Pero Vaz de Caminha, quando ele narra a apresentação de uma galinha aos indígenas que ficaram então estupefatos diante do desconhecido animal.

Há um claro diálogo com o *Manifesto antropofágico* do seu até então amigo Oswald de Andrade, quando o poeta busca valorizar a “identidade nacional” em novos rearran-

8 Farinha de mandioca, cuja técnica de origem indígena consiste em deixar a mandioca limpa e descascada durante alguns dias mergulhada em água até amolecer e fermentar. Depois é prensada, peneirada e torrada. Além da farinha, fazem-se também bolos e biscoitos.

9 Bacuri (*Platonia insignis*) é uma árvore frutífera de porte grande e muito comum na Amazônia e no Cerrado brasileiros. Sua madeira também é muito utilizada em embarcações e construção civil. Fonte: Site CerrAtinga. Disponível em: <https://bit.ly/3lRq8ib>. Acesso em 12 de julho de 2021.

10 Embarcação de grande porte movida a vapor e muito comum na Amazônia. Geralmente maior do que o modelo chamado *gaiola*, também movido a vapor e que subia/sobe os altos rios de leito mais rasos na região.

jos interpretativos assentados em elementos indígenas e mestiços na formação da nacionalidade. Mas permanecem as assimetrias, tal qual ocorridas no “primeiro contato” narrado cinco séculos antes pelo escriba português ao aportar no litoral “brasileiro”. Geograficamente não é mais o litoral como a porta de entrada da “descoberta”, mas os “sertões” dos interiores e altos rios da Amazônia que estavam sendo perscrutados pelo olhar de *patriamento* de Mário de Andrade.

Mário de Andrade sai então do seu estado de sublimação ao anunciar que a tempestade havia passado e foi possível seguir a viagem fluvial. Na volta à normalidade cotidiana da embarcação, se mostra exasperado com os constantes e repetidos assuntos conversados a bordo pelos passageiros que ele vai ouvindo. Entre outras coisas, incomoda em particular o desejo de alguns quererem mostrar e explicar aos viajantes paulistanos o que seria o exotismo da região. Principalmente em relação a fauna e flora vista a partir do vaticano *São Salvador*, tais como os constantes botos em seus saltos aquáticos, pássaros voando com suas miríades de cores e sons e os tipos de árvores observadas ao longe e descritas pelos “especialistas” de bordo ou quando das paradas em algum porto para o abastecimento de lenha, embarque e desembarque de pessoas e mercadorias.

A chegada à cidade de Santarém no último dia de maio é outro momento especial de lirismo e subjetividades por parte do turista modernista mergulhado no Brasil “profundo”. A imagem estereótipo que lhe vem à mente é a da cidade de Veneza devido as palafitas fincadas nas águas do encontro dos rios Tapajós e Amazonas e pelo singular nome de um hotel localizado na margem das águas doces. Isso dispara no autor “estranhas sensações venezianas”, o que leva ele a arrematar em mais um chiste de surpresa e similaridade cultural identitária ao afirmar que “os venezianos falam muito bem a nossa língua e são todos duma cor tapuia escura, mui lisa. Fomos recebidos com muita cordialidade pelo doge¹¹ que nos mostrou a cidade que acaba de repente” (*Idem*, p. 87).

Podemos também perceber a sua intenção velada de transposição temporal do evento ficcional, como se estivesse ele chegando a um mundo atrasado e em descompasso com o lugar de onde ele vem. Isso é sugerido pela recepção do “Doge” de Santarém em seu minúsculo potentado e pelo arcaísmo de um termo em português de antanho que remete às crônicas de viagens seiscentistas. O “descobridor” lírico do autor se surpreende que ao encontrar aqueles tapuias eles falassem a “nossa” língua. O pronome possessivo no plural estabelece diálogo não com os “nativos”, mas com o leitor “brasileiro” geograficamente distante daquele lugar e das gentes tapuias realçadas na crônica de viagem imaginária.

Os almoços e jantares no trajeto até Manaus são outros momentos de constantes referências por parte do *turista aprendiz*. No seu aprendizado pelos interiores amazônico-brasileiro, após a saída de Santarém, vai descrevendo a alimentação de bordo. No geral, há uma distinção entre o que seu grupo come e o que os demais viajantes compartilham,

11 Doge era um título dado aos magistrados da República de Veneza entre os séculos IX e XVII. Detinham poder limitado e eram reverenciados como monarcas (CARVALHO, 2012).

pois “a bóia de bordo (a nossa, que é especial) é sempre uma delícia” (*Idem*, p. 85). O seu destaque são para animais comestíveis da fauna amazônica, especialmente os de natureza ictiológica. Como é o caso do pirarucu (*Arapaima gigas*) do almoço em 01º de junho, descrito por Mário de Andrade como sendo “muito bom”. Na janta, desse mesmo dia, “o cozinheiro nos apresentou um tucunaré ‘à portuguesa’. Posso lhes garantir que é peixe gostosíssimo” (*Idem*, p. 89). Nesse mesmo dia ele presenciou uma piracema de jaraquis (*Semaprochilodus taeniurus*), que atraiu inúmeros pescadores da cidade de Óbidos. Peixe que ele garantia ser muito saboroso, opinião talvez derivada de uma degustação anterior ou apenas respaldada por ele após ouvir algum comentário em bordo.

Ao chegar a Itacoatiara, em tons de ironia ele grafa que ela era “a cidade mais linda do mundo, só vendo!” Homens andavam montados em peixes-boi e mulheres em botos pelas ruas líquidas da cidade semi aquática, naquele “mundo das águas”. É mais um devaneio para o lírico fantástico, que no final da narrativa é colocado em forma de alerta ao leitor quando o escritor diz acordar daquele sonho. Outra criação ficcional, usada como recurso para mostrar a grandeza desmesurada da Amazônia, ocorre quando ele desce da embarcação numa localidade pouco antes de Manaus e avista uma espécie de apuizeiro (*Ficus fagifolia*). O enorme Apuí – polvo vegetal da Amazônia, segundo poética definição do escritor Alberto Rangel (1927) – teria matado através de seus tentáculos hospedeiros uma balateira/sapopemba de 70 metros de largura por 700 de altura. Na árvore morta todas as espécies de abelhas existentes no Brasil produziam ali infindáveis quantidades de mel. E nela havia uma torneira colocada pelo governo de onde sorvia de maneira incessante mel, que alimentava todos os indígenas, exploradores, demais brasileiros e estrangeiros que viviam e perambulavam pela região (ANDRADE, 2015, p. 92).

Temos também uma crítica sublimada nessa criação ficcional do autor, pois o mel é uma metáfora para toda a riqueza da região tão cobiçada. Contudo, as abelhas apenas produzem mas não se beneficiam daquele mel que é fruto do trabalho delas. Considera que as “abelhas nacionais são muito ignorantes” diante de soluções mais dinâmicas e racionais existentes acerca da produção de mel e construção de colmeias (*Idem*, p. 93). Está aí um olhar de analogia em relação aos sujeitos mais identificados com os “tipos” nacionais que ali labutavam com sua força de trabalho e pouco se beneficiavam do que produziam: coletores, seringueiros e outros trabalhadores genericamente chamados de “caboclos”, “sertanejos”, “tapuias” e “índios” intensamente explorados. É uma forte metáfora da natureza dadivosa e intensamente sugada pelos interesses, geralmente exógenos, de caráter mercantil e perdulário.

Um dia depois, pela manhã, chegam à capital amazonense. Em 05 de junho eles chegam a Manaus e são recepcionados pelas autoridades locais, já sabedoras antecipadas daquela viagem pela imprensa e o telegrama da presidência da república. Mário de Andrade, mais uma vez se mostra deslocado com as liturgias oficiais. Exagera e parece ironizar ao se reportar que mais de “setecentas” pessoas foram ao desembarque, com

“cortejo oficial e recepção oficial” no Palácio Rio Negro e depois “toca para a chacra Hermosina onde tivemos um almoço colossal, mas colossal” (*Idem*, p. 93).

À noite, após a ida a uma festa junina no bairro de Cachoeirinha, Mário de Andrade descreve outras experiências degustativas com a graviola e o guaraná. Sobre a primeira fruta, em forma de sorvete, faz um comentário nada positivo pois “não chega a ser ruim, mas irrita”. E sobre o guaraná, talvez provado como suco, afirma que “tem um gosto vazio, fica-se na mesma” (*Idem*, p. 94). No dia seguinte, após visitas que ele diz serem “oficiais”, encontra-se com alguns intelectuais manauaras – entre eles, Raimundo Moraes¹² com quem tem altercações públicas quando sai a obra *Macunaíma*¹³. Parecia deslocado entre eles, pois “eram infensos a qualquer espécie de ‘futurismo’” eram de “pouca literatura e muito Amazonas” (*Idem*, p. 94)¹⁴.

Outro passeio pelos arredores de Manaus também é descrito pelo modernista em um tom de maior encantamento e consideração. Seguem ele e elas para a comunidade de Catalão, próximo ao município de Careiro no entorno fluvial de Manaus.

Mas que coisa sublime, o lago, cercado inteirinho de mato colossal, calmo, uma calma encantada, em que os ruídos, gritos de animais estalam sem força pra viver. Solidão pura e livre, nada triste. Lá estavam as vitórias-régias, com os uapés e socós nas folhas. Voltamos ao crepúsculo (ANDRADE, 2015, p. 95).

A grandiosidade é realçada em relação às belezas naturais que impressionam o autor-viajante, desde as águas e a flora que, juntamente com os pássaros, são as forças vivas e estetizantes da narrativa andradiana calcada em uma visão antropocêntrica. Solidão, calma, liberdade, gritos e estalos como manifestações intrínsecas daquelas paragens que expressariam as idiosincrasias amazônicas.

A partida de Manaus, em 08 de junho no fim da tarde, foi precedida de uma visita ao mercado central, que lhe pareceu menos encantador que o seu congênere de Belém: julgou-o menos “menos rico e menos interessante” (*Idem*, p. 98), mas o almoço foi à base de peixe matrinxã (*Brycon cephalus*), em sua opinião o mais saboroso da Amazônia. Aquilo que o escritor intitula “vida de bordo” traz muito dos aspectos que já tinham lhe chamado a atenção no trajeto anterior de Belém para Manaus.

Como por exemplo, a oferta alimentar oferecida aos passageiros. Neste caso, diversas frutas que lhe foram servidas como lanche: sapoti, beribá, cacau, castanhas, abricó e suco de cupuaçu. E as diversas paradas em portos de localidades do trajeto para – entre outras coisas – abastecimento de lenha para queima nas caldeiras da embarcação e movimentar seu motor a vapor, animais aquáticos vistos da embarcação, pássaros voando, as ferradas das indefectíveis carapanãs e músicas com danças na “terceira classe”. As

12 O escritor é autor das obras *Na planície Amazônica* (1926) e *Meu dicionário de cousas da Amazônia* (1931). A primeira ele presenteou com dedicatória a Mário de Andrade no dia da visita relatada no diário.

13 Raimundo Moraes sugere que Mário de Andrade plagiou o antropólogo alemão Theodor Koch Grunberg ao criar sua personagem principal homônima à obra *Macunaíma* a partir de *Von Roraima zuns Orinoco*. A resposta de Mário de Andrade a querela, encontra-se publicada no jornal *Diário Nacional*, de 20 de setembro de 1931, n.º. 1262, p. 03 sob o título “A Raimundo Moraes”. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bit.ly/3BHSxwE>. Acesso em 25 de julho de 2021.

14 Ou seja, pessoas que não tinham nenhuma relação com o movimento modernista do qual Mário de Andrade era referência.

crianças – por demais em quantidade, segundo o autor – levam ele a “sonhar com a degolação dos inocentes” que pareciam lhe aperrear um desejado sossego (*Idem*, p. 102). E na sequência das observações sobre a *vida de bordo*, “matos admiráveis chorando em trepadeiras até a água do rio” (*Idem*, p. 108).

Sossego que ele pareceu encontrar dois dias depois ao escrever em seu diário a seguinte passagem:

Eu gosto desta solidão abundante do rio. Nada me agrada mais do que, sozinho, olhar o rio no pleno dia deserto. (...) a massa indiferentes dos verdes barra o horizonte, e tudo se enche de mistérios vivos que se escondem lá detrás. A cada instante sinto que a revelação vai se dar, grandiosa, terrível, lá da volta do rio. (...) Mas basta que chegue alguém, uma voz que suba da primeira classe até aqui, e a fascinação se esvai (*Idem*, p. 104).

Sua solidude aprazível e reflexiva diante da imensidão aquática, sublimada na imagem de um deserto, e somente percebida sua finitude pelo horizonte verdejante ao longe, transporta seus pensamentos para os possíveis mistérios escondidos pela “esfinge” amazônica. Ele é levado a pensar no que poderia ser revelado e descortinado diante dos seus olhos, mas a possibilidade de desencantamento é tolhida pela chegada de alguém que lhe tira do mundo onírico que se apresentava tão atrativo.

As companhias anônimas de viagem, que iam na primeira classe do vaticano, parecem incomodar Mário de Andrade ao reclamar das presunções e vaidades que queriam afetar algum conhecimento específico sobre a região.

Todos se propõem conhecedoríssimos das coisas desta sua pomposa Amazônia de que tiram uma fantástica vaidade improvável, “terra do futuro”... Mas quando a gente pergunta, o que um responde que é castanheira, o outro discute pois acha que é pato com tucupi. Só quem sabe mesmo alguma coisa é a gente ignorante da terceira classe. Poucas vezes, a não ser entre os modernistas do Rio, tenho visto instrução mais desorientada que a desta gente, no geral falando inglês (*Idem*, p. 110).

E esses “conhecedoríssimos” – segundo o Mário de Andrade – carregados de estereótipos já bastante consagrados ao grande público acerca de alguns elementos definidores da Amazônia. Aparecem então um prato e uma árvore como representações definidoras da “cultura amazônica” e da “natureza amazônica”. O turista aprendiz então diz que os mais abalizadores conhecedores da região eram “a gente ignorante da terceira classe” que viajava naquela embarcação. O “primitivismo” era então mais autêntico e representativo da cultura local que os traços caricatos com laivos das vanguardas europeias copiados.

O ponto alto da empatia e que se mostra um sujeito aberto às experiências do lugar ocorre quando ele as demais pessoas chegam a Remate de Males¹⁵, localidade em território amazonense já na fronteira com o Peru. Ali o escritor descreve o contato com

15 Em 1930 Mário de Andrade publica um livro de poemas cujo título é *Remate de males*. Na época da passagem do autor, a localidade era parte do município amazonense de Benjamin Constant.

os membros da Loja Maçônica e atesta fazer um “calor de rematar” (*Idem*, p. 116) e de gentes, “sem exceção, comida pela maleita”. E complementa, “e desejei a maleita, mas a maleita assim, de acabar com as curiosidades do corpo e do espírito” (*Idem*, p. 117). Parece ser a compreensão de que a malária é um componente essencial das pessoas que vivem na Amazônia em áreas endêmicas. Mas que amplificava para além desses locais específicos, ecoando como uma espada de Dâmocles sobre todos que ali se encontravam.

Desta forma, ninguém ficava indiferente à malária e Mário de Andrade queria se sentir como um doente local, para daí extrair experiências sensoriais e filosóficas. O mesmo assunto é retomado em outros pontos da viagem, como narra dois dias depois de deixar Porto Velho e observar um caso de “maleita nirvanizante” em um jovem seringalista vestido de paletó de linho entrar na embarcação para despachar sua produção para Manaus. Logo que a embarcação desatraca e segue seu destino final, Mário de Andrade assim retoma o tema da malária que tanto lhe toca: “A imagem do moço me persegue. Ter uma maleita assim, que me deixasse indiferente...” (*Idem*, p. 166).

Na última semana de junho atravessam a fronteira brasileira e visitam as cidades peruanas de Nanay e Iquitos, situadas no Departamento de Loreto. São recebidos por autoridades locais e pelo cônsul brasileiro ali estabelecido. Permanecem no território peruano cerca de cinco dias, entre recepções oficiais, passeios em mercado, feiras e contatos com alguns indígenas Uitotos. O caminho de volta começa a ser feito em 26 de junho, passando pelas mesmas localidades da subida e com muitas observações adicionais. A rota é alterada quando saem do rio Amazonas logo após Manaus¹⁶ e entram subindo no rio Madeira em direção à vila de Santo Antônio e Guayaramerín, esta última uma cidade boliviana na fronteira.

A viagem a partir de Manaus em direção ao alto rio Madeira – que ele depois descreve como o “rio alegre” – se deu em um novo vapor, chamado *Vitória*. Na saída de Manaus, Mário de Andrade se enternece com as águas escuras do rio Negro e afirma o seguinte: “Manaus a estibordo. As águas negras por baixo. Dava vontade de gritar, de morrer de amor, de esquecer tudo. Quando a intensidade do prazer foi tanta que não me permitiu mais gozar, fiquei com olhos cheios de lágrimas” (*Idem*, p. 137).

Ao entrar no rio Madeira, mais uma vez ele se envereda pelo lírico ao creditar que é um “rio que principia a alvorada e se espreguiça num primeiro desejo de cor”. E a partir deste rio e suas experiências subjetivas, conclui de maneira generalista que ele percebe “um aroma vago, quase só imaginado, porque os rios da Amazônia não tem perfume” (*Idem*, p. 142). A luz do sol (“fura danado as sensações”), o amanhecer do dia e o cair da tarde vão projetando cores nas nuvens (“as nuvenzinhas brigam”) e nas águas, junto com sons (“gritinhos de umas gaiivotas”, “trinados sem valor”) e aromas que impressionam o poeta paulistano na subida pelo Madeira até os limites da fronteira com a Bolívia (*Ibidem*).

16 A passagem por Manaus no regresso ocorreu no dia 02 de junho, onde almoçaram e se encontraram com Raimundo Moraes e jornalistas locais. Numa observação lateral, Mário de Andrade afirma que “achei Manaus mais quente que Iquitos” (*Idem*, p. 136).

Ali estavam situadas as vilas de Porto Velho (então Amazonas) e Santo Antônio do Madeira (então Mato Grosso), onde estava estabelecida a sede da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Ao percorrer seus trilhos em direção à cidade fronteiriça de Guajará-Mirim, em 12 de julho, ele se lembra dos mortos durante a construção da malsinada ferrovia. E escreve em seu diário com uma exclamação seguida de uma indagação: “O que eu vim fazer aqui!.. Qual a razão de todos esses mortos internacionais que renascem na bulha da locomotiva e vêm com seus olhinhos de luz fraca me espiar pelas janelinhas do vagão?” (*Idem*, p. 159). Mortos em grande medida acometidos pela febre amarela que tanto assolava aquelas paragens na época de sua construção, para onde carrearam inumeráveis estrangeiros que foram presas fáceis dos protozoários transmitidos pelos mosquitos *Anopheles* (FERREIRA, 2005).

Ao atravessar o rio, já na cidade boliviana de Guayaramerin, ele não perde a oportunidade de fazer alguma comparação entre os vizinhos brasileiros ao atestar que “escuto meus patrícios falando em surdina uma língua macia, sem nada das pabulagens peruanas” (ANDRADE, 2015, p. 159). Se as pessoas lhe agradam mais por não lhe contarem bravatas da guerra com Chile¹⁷ como era o caso dos peruanos, a cidade também lhe causa uma boa impressão por ser muito ajardinada nas frentes das casas. Algo que contrastava com a sua quase homônima situada do lado brasileiro, que ele apelida de “quase insípida” e mais quente que Porto Velho, lugar de onde retornam para Manaus no dia 15 de julho de 1927.

Em Porto Velho, ele responde a alguém que lhe ali perguntara sobre os motivos da viagem à região e explica enfadonhado que, juntamente com as três mulheres, era “um grupo de amigos paulistas, curiosos de conhecer outros brasis” (*Idem*, p. 156). Mais uma vez fica clara sua compreensão de um país multicultural, plural, que não cabia em uma única identidade ou uniformização cultural. Estavam, aos seus modos, patriaralizando os brasis.

À volta para São Paulo estava se concretizando cada vez mais a partir do regresso empreendido quando embarcam em Porto Velho descendo o Rio Madeira. E o poeta, sem nenhuma alegria de retorno e saudade aparentes, assim resume sua volta: “qualquer passo viajante que fizermos a mais nos aproximará de São Paulo. Digo isso, aliás, se prazer. (...) só uma três vezes terei sentido saudades de São Paulo e dos meus. Nunca soube sentir saudades” (*Idem*, p. 170). Talvez expressasse um exagero ranzinza, próprio das idiosincrasias do autor. Contudo, já era o momento do *aprendiz* dizer chega!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As viagens de Mário de Andrade pelas diversas amazônias são marcadas em grande medida pela empatia, frequentes doses de estranhamento e de maravilhamento em relação à natureza e muita curiosidade pelas culturas locais. Tudo isso temperado pelo re-

17 O autor faz alusão a Guerra do Pacífico, entre os anos de 1879 e 1884 envolvendo de um lado o Chile contra Peru e Bolívia. Ao fim do conflito, o Chile anexou áreas de terras ricas em recursos naturais do Peru e da Bolívia e deste último país retirou-lhe a saída ao Oceano Pacífico. **Fonte:** NEIVA (2019).

corrente bom humor e muitas das vezes complementado pelo enfado, diante de situações que considerava maçantes a depender do interlocutor ou situações de momento.

Existem, como bem dizem Botelho & Lima (2014), aproximações e distanciamentos; estranhamentos e reconhecimentos por parte do escritor em relação ao mundo amazônico que ele palmilhou durante alguns meses do ano de 1927. Nesses múltiplos contatos com humanos e o ambiente natural, ele reforça sua crença na multiplicidade de manifestações das culturas populares que caldeavam as identidades dos brasileiros dos *sertões* distantes do litoral. O Brasil que ele encontra é polifônico, policromático, multicultural e entende então que intelectuais e autoridades deveriam reconhecer tais predicados para que a nação se abrasileirasse de fato em novas bases estéticas, históricas e culturais.

Seu entendimento é de que *patriar* o Brasil era uma obra ainda a ser feita naquele momento – e a posteriori – como esforço de um compromisso intelectual coletivo. Nesta direção, seu dileto amigo Manuel Bandeira, em cartas trocadas com o modernista paulistano, vai afirmar tempos depois que “Mário foi o brasileiro que mais se esforçou na tarefa de ‘patriarizar’ nossa terra” (BANDEIRA, 1958, p. 07). Isto era uma clara referência às viagens feitas por ele nas décadas de 1920 pelos *sertões* mineiros, amazônicos e dos estados do Nordeste, de onde brotaram muitos escritos que irão interagir com essas paisagens, histórias, geografias e gentes vistas como brasileiras.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Oswald de. “O manifesto antropofágico”. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.
- ANDRADE, Mário de. “Os diários do fotógrafo”. Anexo de imagens em CD-ROM. In: **O turista aprendiz: viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira e a Bolívia e por Marajó até dizer chega**. Brasília: IPHAN, 2015a.
- ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz: viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira e a Bolívia e por Marajó até dizer chega**. Brasília: IPHAN, 2015.
- ANDRADE, Mário de. **O clã do jabuti**. São Paulo: Poeteiro digital, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2OYV4uK>, acesso em 28/11/2019.
- BANDEIRA, Manuel. **Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Simões, 1958.
- BOTELHO, André & LIMA, Nisia Trindade de. “Duas viagens amazônicas e o espectro de Euclides da Cunha: malária e civilização em Carlos Chagas e Mário de Andrade”, pp. 139/178. In: BASTOS, Elide Rugai & PINTO, Renan Freitas (orgs.). **Vozes da Amazônia II**. Manaus: Valer/Edua, 2014.
- CARVALHO, Larissa. “A iconografia dos doges venezianos, os rituais e as construções arquitetônicas de Veneza segundo a obra de Cesare Vecellio”, pp. 315/328. Cadernos do VII EHA – Encontro de História da Arte. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3CEv13Z>. Acesso em 17 de julho de 2021.
- CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos**. Coleção Brasil 500 anos. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Senado Federal: Brasília, 2000.
- DIAS, Ângela Maria. “Nelson Rodrigues e o Rio de Janeiro: memórias de um passionai”. **Alea**, Rio de Janeiro, volume 07, número 01, jan-jun/2005, pp. 101/122.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. **Ferrovias do Diabo**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.
- HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança da hiléia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

- JACINTO, Felipe de Oliveira. “O tajá místico”. **Iberoamérica social**. 06 de novembro de 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3Ax7gy>. Acesso em 09 de julho de 2021.
- MENDONÇA, M. C. B. **Autoecologia do Camorim, *Centropomus undecimalis* (Bloch, 1792) (Perciformes: Centropomidae) em ambiente hipersalino em Galinhos, RN. Brasil**. Tese (Doutorado em Zoologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2004.
- NATAL, Caion Meneguello. “Mário de Andrade em Minas Gerais: em buscas das raízes históricas e artísticas da nação”. **História Social**, Campinas, n° 13, 2007, pp. 193/207.
- NEIVA, Rute Cavalcante. “Guerra do Pacífico: a história de uma derrota”. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, Volume 18, número 34, pp. 74-94, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2019.161550>. Acesso em 12 de agosto de 2021.
- RANGEL, Alberto. **Inferno verde**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Typographia Arrault, 1927.
- SILVA, Francisco Bento da. **Acre, formas de narrar e de olhar: natureza e história nas ausências**. Rio Branco: Nepan, 2020.
- SUSSENKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Francisco Bento da Silva: Professor Associado da Universidade Federal do Acre - UFAC, graduado em Ciências Sociais (UFAC), com mestrado (UFPE) e doutorado (UFPR) em História. Atua nos cursos de Pós-Graduação e Ensino Profissional de História e Letras: Linguagem e Identidade da mesma Universidade. Tem publicado, entre outros, os seguintes livros: *Acre, a Sibéria Tropical: prisões e desterros para as regiões do Acre em 1904 e 1910* (2017); *Autoritarismo e personalismo no poder executivo acreano – 1921/1964* (2012); *Acre, formas de olhar e de narrar: história e natureza nas “ausências”* (2020).